

A MULHER BRASILEIRA DO SÉCULO XIX: TÁTICAS E ESTRATÉGIAS NO DISCURSO MACHADIANO NA OBRA 'QUINCAS BORBA'¹

Deuzimar Matias de Oliveira²
Evangley de Queiroz Galdino³

Introdução

A Família Real chegou ao Brasil trazendo consigo todo um aparato político, administrativo, econômico e cultural que antes não conhecíamos e que foi necessário para que se mudasse a ideologia e os comportamentos de nossa sociedade patriarcal, ruralizada e escravocrata⁴. Com a chegada desta, o campo foi perdendo importância ao mesmo tempo em que as cidades iam crescendo e se “modernizando”, seguindo os padrões europeus. Novos agentes entraram em cena, entre eles a mulher que foi ampliando seu espaço de poder e ação na sociedade burguesa emergente.

Tendo em vista estes novos aspectos procuraremos analisar como a mulher da Corte brasileira do século XIX, em meio a uma sociedade patriarcalista, utilizava-se das relações sociais como os casamentos, as transações comerciais, as festas nos salões, entre outras, para ascender ou destacar-se socialmente. Para tanto, discutiremos acerca elementos culturais femininos, como a educação, as vestimentas, as diversões, entre outras, presentes na obra “Quincas Borba”, de Machado de Assis, como também, faremos uma análise do papel da mulher da Corte brasileira do período Imperial através das táticas e estratégias, tais como: o casamento, as relações comerciais, as instituições de caridade que ela se utilizava para destacar-se socialmente.

Buscamos trabalhar esta temática mediante as contribuições feitas nas últimas décadas dentro do campo da historiografia e das ciências humanas num âmbito mais amplo, mas sobretudo, no que se refere ao novo horizonte historiográfico aberto com a Escola dos Annales, que levaram a uma profunda reflexão referente ao conceito e ao uso de diversos elementos como as fontes historiográficas. Desta maneira, houve um enriquecimento indubitável das práticas historiográficas sendo possível estabelecermos um diálogo com a literatura. Assim, devido à riqueza de imagens discursivas que a obra Quincas Borba nos fornece e por a cada dia a mulher vir conquistando direitos e espaços na nossa sociedade - visto que esta sobretudo se apresenta com resquícios tradicionalistas - é que pensamos em refletir sobre o papel da mulher da Corte Real brasileira, suas práticas e as habilidades na

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “O Século XIX na Paraíba: Cultura e Sociedade”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

³ Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

⁴ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 3-5.

segunda metade do século XIX, neste momento estabelecida no Rio de Janeiro, para se fazer visível na sociedade patriarcal da época.

Para isso, buscaremos destacar as contribuições teóricas sugeridas pela crítica literária de Roberto Schwarz, sobre as “idéias fora do lugar” na qual o autor apresenta uma discursão da apropriação de elementos políticos e culturais estrangeiros, principalmente vindos da Europa, que muitas vezes não se ajustavam ou não convinham a realidade intrínseca da sociedade brasileira. Como também, as teorias formuladas por Michel de Certeau, sobre táticas e estratégias que o indivíduo (a mulher, quando sujeito histórico) se utiliza para burlar as normas impostas pela sociedade normatizadora e machista do século XIX, manipulando as relações de força seja a partir de um lugar institucionalizado como o casamento, seja nos lugares ou práticas invisíveis na qual os sujeitos históricos conseguem articular.

A europeização dos modos e costumes da mulher

A educação feminina: um elemento de sociabilidade

A mulher não só acompanhou toda a transformação social iniciada com a chegada da Família e da Corte Real ao Brasil, mas também foi se libertando das amarras do “páter família” e, em consequência disto, pôde se educar e se sociabilizar.

Deste modo, as mulheres passaram a estudar nas mesmas escolas que os homens e a aprender o mesmo que eles, inclusive outras línguas e uma educação voltada aos interesses da burguesia em ascensão, através de aulas de etiqueta, de francês e de piano que, “por mais supérfluas que lhe parecessem aquelas prendas, eram o mínimo dos adornos de uma educação de sala”⁵. Assim, devido à europeização dos modos e costumes da mulher e da sociedade burguesa do século XIX - europeização que, segundo Schwarz, era indevida em muitos setores da sociedade, pois o Brasil não estava preparado ou o ambiente aqui encontrado não era propício para recebe-las⁶ -, era necessário que, para se sociabilizar, ela tivesse que se educar.

Como naquela época o país estava propício a seguir a tendência européia, “e nada melhor, para dar lustre às pessoas e à sociedade que formam, do que as idéias mais ilustres do tempo, no caso as européias”⁷, toda a cultura era importada de lá, principalmente da França. Nomes de ruas, de lojas, de vestimentas e até os romances, tudo era escrito e lido em língua francesa, apesar de muitas pessoas, que ainda não haviam estado em contato com

⁵ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 91.

⁶ SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar”. In: *Ao Vencedor as Batatas*. 4. ed. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1992. Neste texto, o autor elabora suas idéias a partir de reflexões sobre as disparidades entre a sociedade escravista brasileira e as idéias do liberalismo europeu, como também, das relações de poder existente na política e dentro da própria sociedade sem deixar, contudo, de pensar na questão cultural.

⁷ Idem, p. 17.

estas influencias, não entenderem o porquê de se aprender uma língua que, para elas, não teriam utilidades, mas que no cotidiano e na prática já era utilizado.

O Francês “era indispensável para conversar, para ir às lojas, para ler um romance...”⁸. Contudo, a mulher de posses não se educara com vistas num progresso intelectual, numa perspectiva de se inserir no mercado de trabalho como vemos hodiernamente e sim, apenas, com o objetivo de seguir uma moda que foi, “em parte, subproduto da influência de rapazes brasileiros que iam estudar leis, Medicina, Filosofia, Comércio, nos centros europeus. Vinham cheios de novidades, algumas das quais comunicavam às mulheres”⁹. Assim sendo, verificamos que as mulheres liam as tabuletas francesas, reconheciam as lojas e as roupas escritas neste mesmo idioma, mas quando se perguntava pelos substantivos novos, “algumas vezes não sabiam dizer o que eram, tão estritamente adequado era o seu vocabulário às cousas do vestido, da sala e do galanteio”¹⁰.

Desta forma, percebemos que a mulher brasileira, no decorrer do século XIX, evoluiu muito intelectual e socialmente em relação aos três séculos anteriores, nos quais, a mulher era considerada como muito bem instruída quando sabia ler corretamente suas orações e escrever a receita de geléia de goiaba¹¹.

Portanto, a educação da mulher brasileira do século XIX – mesmo não sendo voltada, em primeiro plano, para seu crescimento intelectual nem para sua inserção no mercado de trabalho e, sim, apenas para que a mesma fizesse parte da moda influenciada pelos padrões europeus – foi relevante para sua inserção na sociedade burguesa, surgida com a chegada da Corte Real e que se fez cada vez mais forte com o passar do tempo, pois

A Corte pedia a “mulher de salão”, a “mulher da rua”. Os grandes negócios do marido a requeriam, o pequeno comércio da rua a chamava. A mulher de posses devia expor-se ao mundo: nos salões das residências, nos teatros, nas recepções oficiais, nos restaurantes que começavam a surgir. Abandonavam a alcova, a intimidade auto-suficiente das casas, tiravam as mantilhas ibéricas e ganhavam as ruas em busca de artigos de luxo franceses e ingleses.¹²

E, para isto, era necessário que a mulher tivesse uma educação voltada para as necessidades deste mundo, que se fazia cada vez mais forte e mais presente em sua vida que se aburguesava mediante as influências do tempo. Mesmo que esta educação fosse bastante limitada, ela foi relevante, pois serviu como abertura para a mulher se inserir na sociedade, mudando sua situação social, fazendo com que ela abandonasse seus antigos hábitos e passasse a europeizar seus sentimentos, seus corpos e seus vestidos.

⁸ ASSIS, Op. Cit. p. 86.

⁹ FREYRE, Op. Cit. p. 102.

¹⁰ ASSIS, Op. Cit. p. 93.

¹¹ Ver MURICY, Kátia. “Lá vão os quiosques”. In: A Razão Cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 56.

¹² Idem. p. 57.

A influencia européia no modo de vestir

Na concepção de Roberto Schwarz, “ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio”¹³. Isto é verificado no discurso literário machadiano, na obra “Quincas Borba”, principalmente, quando se trata no modo de vestir da mulher brasileira do século XIX.

Deste modo, percebe-se que no Rio de Janeiro, Capital do Império, não se aceitava nenhuma outra moda feminina que não fosse à francesa. Os trajes, os usos e os modos, tudo tinha que ser francês. A mulher “trazia à vista os olhos e o corpo, elegantemente apertado em um vestido de cambraia, mostrando as mãos que eram bonitas, e um princípio de braço”¹⁴. Além disso, as meninas, a partir dos treze anos, já eram obrigadas a vestirem-se como moças e senhoras da sociedade, metidas em roupas de seda, rendas e babados, apertadas por espartilhos e coletes: “vestuários comprimentos que prejudicavam o desenvolvimento das vísceras, e por conseqüência atuando sobre o útero, órgão por excelência digno de atenção no desenvolvimento das primeiras idades da mulher”¹⁵. Para aquela sociedade patriarcal, era necessário que estas meninas e moças se vestissem dessa forma, para que fossem percebidas pelos pretendentes bacharéis e médicos recém formados nos países da Europa. Tudo com vistas a um bom casamento.

Portanto, quando analisamos o modo de vestir neste período, verificamos que a mulher brasileira, com o intuito de acompanhar a moda, vestia-se indevidamente. E, isto se dava por dois motivos: o clima brasileiro, muito quente; e, a própria estrutura física da mulher que exigia, igualmente ao clima, roupas leves e folgadas.

Primeiramente, as roupas usadas pelas populações dos vários países europeus eram desenvolvidas com o propósito não só de vestir bem, elegantemente, mas também, tinha a função primeira de aquecer as pessoas, devido o clima daquele continente ser muito frio na maior parte do ano. Diferentemente, com exceção do sul do país, o Brasil tem um clima quente, o que torna inviável ou impróprio a utilização das roupas quentes, européias, no nosso país.

A maioria das roupas e acessórios, vindos da Europa, que as mulheres brasileiras utilizavam eram indevidos à saúde das mesmas, pois além de comprimirem os principais órgãos relacionados com a reprodução, eram responsáveis por diversas doenças como a tuberculose, a pneumonia e o câncer, como também, por nascimento de crianças defeituosas. Apesar de, naquela época, o saber médico já refletir sobre tais problemas, a mentalidade das mulheres e da própria sociedade como um todo só enxergava ou

¹³ SCHWARZ. Op. Cit. p. 24.

¹⁴ ASSIS. Op. Cit. p. 28.

¹⁵ FREYRE. Op. Cit. p. 118.

(re)produzia o que era interessante aos olhos da burguesia elitizada, ou seja, mostrar-se bela e elegante, dentro da moda, e, diga-se de passagem, hodiernamente este pensamento ainda permanece.

No entanto, andar na moda era um “sacrifício” que as mulheres aburguesadas faziam questão de fazer, pois a sociedade brasileira estava não só seguindo o padrão europeu, como também, só aceitava o que lhe era próprio. Assim, a mulher que não procurasse ou não se mantivesse neste padrão não iria ser bem vista pela sociedade elitizada do Brasil, principalmente a carioca, onde se concentrava o poder político do país, a Corte Real, o próprio Imperador.

A rua, os salões dos casarões, as festas, as reuniões, as visitas, o teatro, e a igreja, tudo requeria que a mulher se produzisse da melhor forma possível, pois, tudo isto, não só representava a moda parisiense, a elegância feminina, mas também, era um fator que determinava quem tinha posses, quem fazia parte da elite social. Assim, preocupada em estar por dentro ou fazer parte da alta sociedade, a mulher procurava participar, juntamente com seu marido, de todas as festas e eventos sociais.

A sociabilidade feminina

Com a modificação da paisagem social brasileira, proporcionada pela chegada da Corte Real, a mulher passou a ter um lugar de destaque social. Antes, ela não podia sequer palpar sobre as conversas dos maridos e sua atividade restringia-se a interioridade da casa; agora ela era a responsável de receber e interagir com personagens de prestígio social proporcionando um o bom andamento da carreira política ou econômica do marido e passando a exercer atividades externas, chegando a se organizarem em associações beneficentes.

Deste modo, tanto a busca pela educação quanto à forma de vestir bem foram determinantes para que a mulher assumisse tal importância. Não só isso, a busca por tais elementos colocou a mulher no alvo da burguesia, preocupada em ampliar o mercado consumidor. Assim, houve-se uma reestruturação nas escolas e nas lojas para recebe-las. Nas escolas, os professores tiveram que mudar o comportamento, não podiam tratar, castigar, as meninas da mesma forma que os meninos e, em muitos casos, tiveram até que contratarem mulheres para ensinar a este novo público. Igualmente às escolas, às lojas também tiveram que se adaptar às necessidades desse novo tipo de consumidor. Com as distrações da cidade, o aumento do número de atrações teatrais, a intensificação das visitas, dos passeios e das reuniões nas casas, houvesse um aumento pela procura de artigos de luxo, vestidos novos, chapéus e jóias, que estivessem à moda do dia e que era necessários para a inserção da mulher nesta nova sociedade.

A sociedade burguesa favorecia a mulher uma certa liberdade que antes não tinham. Os passeios e as visitas eram realizados sem o acompanhamento dos maridos, “o trato das senhoras que a recebera em suas casas e das que achou na rua do Ouvidor, a agitação externa, as notícias da sociedade, a boa feição de tanta gente fina e amiga”¹⁶ proporcionava tais coisas, mas, tudo feito em prol dos mesmos, agindo como propagandas, sempre com o intuito de exaltar o nome e o bom andamento dos negócios do marido. Os grandes salões e as luxuosas festas eram administradas pelas mulheres e eram elas quem recepcionava e acolhia os convidados, sempre de forma atenciosa e carinhosa. Isto também fazia com que aumentasse o ciclo de amizades da família e conseqüentemente os negócios do marido. Também diferentemente do que ocorria antes desse período, a mulher solteira tinham a liberdade de escolher seu noivo, apesar de haver o jogo de interesses e, de certa forma, a influência da família e era nos salões que estas relações se davam.

O aumento do ego, da moral e dos valores masculinos é um outro aspecto proveniente da inserção da mulher na sociedade burguesa. Necessitados da mulher para aumentar o círculo de amizades e, em conseqüência disso, os lucros, os homens se viam quase que obrigados a realizar todos os desejos das esposas, ou seja, enchendo-as de belos vestidos e ricas jóias. Porém, o gasto que os homens tinham com tais adornos para suas mulheres ou pretendentes lhes davam retorno. É que, concomitantemente com as transformações sociais, os costumes e valores também foram se modificando e a sociedade imperial passou a valorizar mais o que as pessoas vestiam ou usavam do que o próprio sentimento ou o próprio caráter. Desta forma, enfeitando suas esposas, os homens utilizavam as mesmas como um simples objeto que chamava para si a atenção da sociedade. Mulheres bem vestidas e enfeitadas com jóias era sinônimo de marido bom e rico, isto significa dizer que tudo que os homens faziam para suas mulheres eram para aumentar sua própria moral.

Contudo, apesar de permanecer numa situação secundária, a mulher soube se aproveitar das liberdades que gozaram para, também, se fazer visível na sociedade. Foi através dos passeios e das visitas que elas passaram a se organizar em comissões. Estas comissões tinham a função de angariar fundos, por meio de doações feitas pelos próprios maridos e por vários capitalistas e banqueiros, para ajudar orfanatos e instituições de caridade e eram vistas “com bons olhos” pela sociedade, uma forma honesta e louvável de ajudar as pessoas, se bem que este talvez não fosse o objetivo principal da elite burguesa imperial, preocupada em aumentar cada vez mais o lucro e a riqueza.

Por fim, foi através de várias táticas e estratégias como esta, e como as que veremos no próximo capítulo, que a mulher se destacou na sociedade brasileira, principalmente, na segunda metade do século XIX, e foi conquistando lentamente, ao passar do tempo, sua liberdade e se igualando política e financeiramente aos homens.

¹⁶ ASSIS, Op. Cit. p, 217

Estratégias e táticas da mulher da Corte do século XIX no Brasil

Em nenhum momento do processo histórico a mulher deve ser entendida como um agente ingênuo e passivo. Este fato pode ser observado na obra *Quincas Borba* de Machado de Assis, na qual o autor nos apresenta sob diversas formas a representação da mulher da corte do século XIX no Brasil. Por esta via podemos observar que a mulher da corte consegue no seu lugar (numa sociedade demasiadamente patriarcalista) através de “estratégias e táticas”¹⁷, no sentido como Michel de Certeau nos apresenta, manipular as relações e práticas sociais seja dentro do âmbito privado ou público, exercendo assim seu poder. Essas ações são mais perceptíveis quando observamos os jogos de sedução, as relações matrimoniais, a formação de comissões para caridade entre outros elementos no discurso machadiano.

Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, modificou-se o sentido real da sociedade colonial, alterando as estruturas econômicas, políticas e sociais. As mudanças que este fato proporcionou foram indubitavelmente importantes para que uma nova sociedade emergisse, de um lado apoiadas no ideário rural-escravagista do outro nas idéias estrangeiras que estavam chegando, sobretudo da Europa. Com o desenvolvimento urbano e a europeização das elites a realidade da sociedade brasileira do século XIX começa a transforma-se, novos agentes entram em cena passando a ocupar os lugares, que até então estavam nas mãos dos burocratas e vários senhores rurais como nos fala Kátia Muricy:

“Beneficiadas pelas medidas recentes de urbanização, a cidade assistia, no começo do século, ao desfile de uma variedade inédita de tipos sociais. Comerciantes, diplomatas, literatos, políticos e artistas estrangeiros passaram a ocupar a cena da vida social cidadina, até então restrita aos burocratas e senhores rurais.”¹⁸.

Logo, cada vez mais, houve uma centralização do poder na Corte, e pouco a pouco as regras do jogo social começaram a mudar. Novas formas de sociabilidade passaram a emergir, sobretudo as das festas particulares e a dos salões do império, alterando intrinsecamente a formação social até então presente, construindo-se um novo modelo de organização da sociedade. Desta maneira, a mulher passou a ter uma importância fundamental nesta nova sociedade principalmente mediante os salões. Em varias ocasiões elas se adaptaram melhor as novas necessidades e valores que estavam surgindo do que os homens que por vezes se encontravam presos aos antigos valores rural-escravagista-patriarcalista. Era necessária a habilidade e a presença feminina para o sucesso de uma recepção garantindo assim o prestígio da família. Machado nos coloca a frente desta

¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 2° Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

¹⁸ MURICY, Kátia. “Lá vão os quisques...”. IN: *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 51.

situação através da personagem Sofia mulher do burguês em ascensão Palha, em que a etiqueta da mulher da Corte passa a ser também importante para o sucesso do marido. Esta situação em que o autor de *Quincas Borba* nos coloca não foge muito da realidade social do século XIX como nos apresenta novamente Muricy: “De seu comportamento social, de seus vestidos e jóias, de sua maneira de se insinuar junto a personagens de prestígio dependia o bom encaminhamento da carreira política ou econômica do marido.”¹⁹

Na Corte, diferentemente de três séculos antes que a precedeu nas quais as mulheres na maior parte das vezes encontravam-se confinadas dentro dos sobrados – todavia havia uma participação ativa das mulheres na vida doméstica-, quando repetiam de certo modo uma estrutura das casas-grandes rurais, pedia pelas “mulheres de salão” e “mulheres da rua”, Isso pode ser observado em *Quincas Borba* quando Sofia faz passeios com Maria Benedita ou quando ela se apresenta nos salões com outras mulheres. Para os comerciantes que as chamavam ou para aquelas que detinham alguma posse as mulheres deviam se expor para a sociedade sendo fazendo passeios pelas ruas, nos salões, nos teatros, nos restaurantes entre outros lugares que passaram a surgir com as reformas urbanísticas modernas. Diante desta situação Kátia fala: “Compenetradas de sua nova situação social, as mulheres abandonavam seus antigos hábitos e tratavam de europeizar seus corpos, seus vestidos e seus sentimentos.”²⁰

Outra situação perceptível se refere aos jogos de sedução nas quais as mulheres da Corte ou que se encontravam nela buscavam através deste artifício ascender socialmente. Podemos tomar como exemplo a personagem de Dona Tonica uma solteirona beirando os quarenta anos, filha de um antigo oficial do exercito. Acerca disso Machado de Assis nos descreve:

“Ei-la que redobra esforços. Todas suas graças foram chamadas a postos, e obedeceram, ainda que murchas. Gestos de ventarola, aperto de lábios, olhos oblíquos, marchas, contramarchas para mostra bem a elegância do corpo e a cintura fina que tinha, tudo foi empregado. Era o velho formulário em ação;”²¹

A sedução muitas vezes o primeiro passo para se conseguir um bom casamento. O casamento também era outra estratégia muito utilizada para se fixar bem na sociedade e garantir um futuro. Deparamos-nos no discurso de Assis com este fato em vários momentos, seja na tentativa dissimulada de Palha e do major para casar Rubião, seja na figura de Sofia para casar Maria Benedita. Em outra parte da trama o autor de *Quincas Borba* aborda esta temática na figura de Dona Fernanda que por sua vez que arranjar um casamento para o

¹⁹ MURICY. Op. Cit. p.57.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Scipione, 1994. p. 34.

primo Carlos Maria: “-Vamos para lá, que lhe arranjurei casamento -disse ela- Conheço uma moça de Pelotas, que é um bijou²², e só casa com moço de corte.”²³

Podemos visualizar neste ponto da trama o estabelecimento de Dona Fernanda como casamenteira - prática comum à época - além de certo esboço dos hábitos das moças de Pelotas -uma das cidades mais elegantes do Rio grande do Sul- que esta centralizada na figura de Sonora. No romance, por baixo deste véu, há uma tentativa de transmitir a relação entre a Corte e as províncias, que se davam muitas vezes através de casamentos. Acerca deste fato Jonh Gledson diz:

“ É, pelo que parece, uma ilustração da maneira como as províncias eram mantidas satisfeitas, no Império. Embora as províncias do Rio, Minas e São Paulo fossem os verdadeiros centros de poder, elas (e especialmente a Corte em si) mantinham sua hegemonia formando alianças (muitas vezes matrimoniais) com as oligarquias locais.”²⁴

Assim, o casamento também tem uma finalidade sócio-política e a mulher por meio deste acaba de maneira direta ou indireta sendo uma agente efetiva. Ainda na esfera sócio-política outro aspecto abordado dentro da obra é da formação de comissões de caridade como a organizada muitas vezes por mulheres para ajudar os necessitados, em muitos casos essas mulheres acabam sendo bem vista dentro da sociedade o que lhes rendiam certo prestígio e status, proporcionava uma ascensão principalmente para aquelas que não se encontravam nos círculos mais restritos da Corte. Machado deixa claro esta prática quando escreve:

“ Era verdade também que a comissão iria colocar em evidência a pessoa de Sofia, e dar- lhe um empurrão para cima. As senhora escolhidas não eram da roda da nossa dama, e só uma a cumprimentava; mas, por intermédio de certa viúva, que brilhara entre 1840 e 1850, e conservava do seu tempo as saudades e o apuro, conseguira que todas entrassem naquela obra de caridade.”²⁵

E ainda:

“Chegara ao fim da comissão das Alagoas, com elogios da imprensa; a Atalaia chamou-lhe “anjo da consolação”. E não pense que esse nome a alegrou, posto que a lisonjeasse; ao contrário, resumindo em Sofia toda a ação de caridade, podia mortificar as novas amigas, e fazer-lhe perder em um dia o trabalho de longos meses. Assim se explica o artigo que a mesma folha trouxe no numero seguinte, nomeando, particularizando e glorificando as outras comissárias – estrelas de primeira grandeza”.²⁶

No amplo quadro de experiências narrados por Machado de Assis, não há como negar o espaço reservado e dedicado à presença das mulheres no seu discurso. Neste sentido,

²² Bijou: “jóia”, “preciosidade”, em francês.

²³ ASSIS. Op. Cit. p. 112.

²⁴ GLEDSON, Jonh. “Quincas Borba”. IN: *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

²⁵ ASSIS. Op. Cit. p.88.

²⁶ Idem. p. 130.

Assis terminou ajudando a construir um discurso sobre a mulher da Corte no Brasil do século XIX, explicitando através das personagens femininas o poder exercido por elas na sociedade. Uma leitura atenta das estratégias e táticas na obra *Quincas Borba* permitiu perceber que este poder perpassa muito além do âmbito privado e interfere de diversas maneiras nas relações sociais e no plano público de maneira mais geral. Portanto já podemos perceber um deslocamento em contraste com os antigos valores até então presente na mentalidade da sociedade brasileira do século XIX, fazendo com que cada vez mais a mulher ampliasse seu espaço e adquirisse mais liberdade.

Considerações finais

Diante dos argumentos apresentados neste trabalho, verificamos que na obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, é perceptível a representação da mulher da corte brasileira do século XIX em vários aspectos culturais, sociais ou políticos.

Verificamos que havia uma interdependência entre a mulher da corte brasileira e o homem que, a partir da segunda metade do século XIX, ainda tinha o domínio, através do poder financeiro e da mentalidade impregnado na sociedade de que o mesmo tinha que conduzir as relações sociais. Que, concomitante com a introdução de novos elementos culturais europeus, o homem passou a dar uma certa liberdade a mulher, o que era necessário para o bom desenvolvimento social, em que à mulher, tendo esta liberdade, passou a auxiliar o marido nos negócios da família.

As reflexões perpetuadas por Robert Schwarz sobre “as idéias fora do lugar” vem a casar com as imagens discursivas fornecidas por Machado de Assis, na obra *Quincas Borba*, quando se refere principalmente as vestimentas femininas. Assim, pudemos perceber que tais vestimentas do modelo europeu não se enquadravam com o clima tropical do Brasil.

Assis, de uma maneira crítica e consciente nos proporciona uma leitura das práticas visíveis e invisíveis que as mulheres exerciam, desta maneira conseguindo através de táticas e estratégias, como apontados neste trabalho, achar espaço para interferir direto ou indiretamente numa sociedade que conservava elementos patriarcalistas muitas vezes contrários a liberdade feminina, nesta perspectiva indo diretamente ao encontro das ideias trabalhadas por Michel de Certeau sobre as astúcias das pessoas comuns. Entretanto, não devemos nos restringir apenas aos meios aqui expostos, vistos que fazer isso seria excluir a gama de possibilidades de atuação da mulher dentro da sociedade brasileira do século XIX, outras leituras feitas das obras e discurso machadianos, e também excluir outras obras em que o próprio Machado trata de maneira mais ou menos presente esta temática. Sendo

assim, esta obra ainda esta aberta para inúmeros outros questionamentos que poderão ser feitos posteriormente.

Este trabalho foi de fundamental importância para aquisição de novos conhecimentos tanto pra nossa vida acadêmica quanto para/ou o futuro profissional, assim como, uma profunda reflexão sobre o mito da mulher subjugada, que muitas vezes é apenas uma ilusão, visto que esta tanto influenciou as relações sociais em diversos parâmetros quanto contribuiu para desenvolvimento da sociedade no século XIX.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1997.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Scipione, 1994

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 2° Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GLEDSON, Jonh. "Quincas Borba". IN: *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MURICY, Kátia. "Lá vão os quiosques". In: *A Razão Cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 51-64.

SCHWARZ, Roberto. "As idéias fora do lugar". In: *Ao vencedor as batatas*. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992. p. 13-28.